

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: DO ESTRUTURALISMO À SOCIOLINGUÍSTICA

Gyovanna BARDINI¹

Fatiny MOURA²

Vanessa SANTOS³

RESUMO: Há muito tempo que a relação entre variação e mudança linguística vem ocupando um espaço significativo nas discussões teóricas que envolvem os estudos linguísticos, principalmente em razão das divergências que algumas correntes linguísticas apresentam quanto ao papel dos fatores externos à língua na explicação do porquê de as línguas mudarem. Este artigo traz uma reflexão teórica sobre variação e mudança linguística a partir de um contraste entre a corrente estruturalista e a corrente sociolinguística, considerando a concepção de língua predominante em cada uma delas. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica de textos de autores como Uriel Weinreich, William Labov, Marvin Herzog, Tânia Alkmim e Dante Lucchesi, tomados como balizadores nas discussões de uma disciplina do Curso de Letras. O resultado da reflexão aqui produzida aponta que, como não dá conta de explicar satisfatoriamente a mudança linguística, o Estruturalismo deixa lacunas que só são preenchidas com a explicação trazida pela Sociolinguística, demonstrando que, a respeito da discussão em torno dessa temática, a corrente estruturalista foi superada.

Palavras-chave: Variação e mudança; Estruturalismo; Sociolinguística.

ABSTRACT: The relation between variation and linguistic change has long been occupying a significant place in the theoretical discussions involving linguistic studies, mainly due to the divergences that some linguistic currents present regarding the role of external factors to the language in explaining why the languages change. This article brings a theoretical reflection on linguistic variation and change based on a contrast between the structuralist current and the sociolinguistic current, considering the predominant language conception in each of them. The methodology adopted was the bibliographic review of texts by authors such as Uriel Weinreich, William Labov, Marvin Herzog, Tânia Alkmim and Dante Lucchesi, taken as beacons in the discussions of a discipline in the Language and Literature Course. The result of the reflection produced in this study points out that, as Structuralism fails to explain satisfactorily the linguistic change, it leaves gaps that are only filled with the explanation brought by Sociolinguistics, demonstrating that, regarding the discussion about this theme, the structuralist current has been overcome.

Keywords: Variation and change; Structuralism; Sociolinguistics.

¹ Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
E-mail: gyovanna-bardini@hotmail.com

² Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
E-mail: fatiny.moura@hotmail.com

³ Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
E-mail: vandejsantos@gmail.com

Introdução

Variação e mudança linguística é uma temática que sempre esteve presente nos estudos linguísticos de maneira geral, especialmente pelo fato de se querer saber por que as línguas mudam. Ao contrário do que muitos acreditam, as línguas não são homogêneas e imutáveis, mas passam por mudanças contínuas e graduais no decorrer do tempo, as quais estão relacionadas a fatores linguísticos e sociais, uma vez que não existe nenhuma língua humana que não esteja inserida na sociedade. Assim, para que as línguas mudem, antes elas precisam passar por processos de variação linguística, através dos quais os falantes têm a possibilidade de transmitir a mesma informação de formas diferentes. Não se pode dizer, porém, que é dessa maneira que todas as correntes linguísticas concebem a língua e, conseqüentemente, a variação e a mudança linguística, havendo diferenças conceituais importantes que carecem ser compreendidas.

O Estruturalismo, corrente linguística inaugurada a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure no início do século XX, compreendia a língua como um sistema estrutural autônomo, homogêneo e que pode ser analisado independente dos fatores externos. Mesmo reconhecendo a relação entre língua e sociedade, Saussure excluiu dos estudos linguísticos toda consideração de natureza social, histórica e cultural, estabelecendo uma dicotomia entre língua (estrutura interna) e fala (manifestação social), por meio da qual elegeu a primeira como o objeto de estudo e ignorou a segunda por ser supostamente aleatória, caótica e desordenada. Em virtude disso, a corrente estruturalista, embora considerasse o fato de que as línguas mudam, não conseguia dar conta de explicar por que e como essas mudanças ocorriam, uma vez que, exceto em alguns poucos casos, os processos de variação e mudança linguística estavam relacionados à fala enquanto manifestação social da língua.

Por outro lado, a Sociolinguística, corrente linguística inaugurada a partir dos estudos de William Labov em meados do século XX, compreendia a língua como um sistema heterogêneo, variável e intimamente relacionado a fatores externos. Labov, levantando questionamentos a respeito das lacunas deixadas pela corrente estruturalista quanto à explicação de por que e como as línguas mudam, incluiu nos estudos linguísticos as considerações de natureza social, histórica e cultural, defendendo que a fala poderia perfeitamente ser analisada pelos estudos linguísticos por apresentar um caráter sistêmico, complexo e ordenado, o que levou ao estabelecimento da variação linguística como objeto de estudo e apontou a necessidade de levar em conta fatores linguísticos e sociais em qualquer análise linguística mais completa. Em virtude disso, a corrente sociolinguística, considerando a relação existente entre variação e mudança, explicou que a mudança linguística ocorre de forma contínua e gradual através dos processos de variação linguística, sendo possível, portanto, compreender como as línguas conseguem funcionar plenamente mesmo estando em constante mudança e acompanhar os estágios da mudança em curso.

Diante dessas divergências aqui demonstradas, o que se pretende neste artigo⁴ é realizar uma reflexão teórica acerca dos conceitos de variação e mudança linguística, apresentando uma trajetória dessa temática ao longo dos estudos linguísticos, uma discussão sobre os cinco problemas da mudança linguística a partir do contraste entre Estruturalismo e Sociolinguística, e um panorama dos princípios gerais para o estudo da mudança linguística advindos da resolução adequada desses problemas.

⁴ Orientado pelo Prof. Dr. Jurgen Souza (professorjurgen@hotmail.com), professor adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Varição e mudança linguística ao longo dos estudos linguísticos

É inegável que todas as línguas humanas apresentam processos de variação e, conseqüentemente, de mudança linguística, mas a explicação acerca desse fato não foi sempre a mesma ao longo dos estudos linguísticos. Da corrente estruturalista à corrente sociolinguística, diversos estudiosos da linguagem se debruçaram sobre essa temática, buscando explicar por que as línguas variam e mudam.

Em 1916, Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna e o pai do Estruturalismo, mesmo reconhecendo a inegável relação entre língua e sociedade, buscou excluir dos estudos linguísticos qualquer consideração de natureza social, histórica e cultural. Na perspectiva saussuriana, a língua é o objeto de estudo da linguística por ser um sistema estrutural autônomo, homogêneo e analisável independente de fatores externos, deixando de lado a fala, considerada caótica e desordenada, que seria apenas materialização social da língua.

Saussure privilegia o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico, embora reconheça a importância de considerações de natureza etnológica, histórica e política, Segundo ele, “o estudo dos fenômenos linguísticos externos é muito frutífero, mas é falso dizer que sem estes não seria possível conhecer o organismo linguístico interno”. Saussure institucionaliza a distinção entre Linguística Interna oposta a uma Linguística Externa. (ALKMIM, 2008, p. 23-24)

Em 1918, Antoine Meillet, um estruturalista discípulo de Saussure, apontou uma divergência acerca de algumas concepções saussurianas, entendendo que a variação e a mudança linguística só poderiam ocorrer a partir de fatores apenas linguísticos em alguns poucos casos, estando quase sempre ligadas à mudança social, haja vista que era na fala, uma manifestação social da língua, que elas se apresentavam. Segundo ele, a explicação dada pelo Estruturalismo para a variação e a mudança linguística era uma lacuna a ser preenchida.

Meillet, aluno de Saussure, filia-se à orientação diacrônica dos estudos linguísticos, mas, para ele, a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade: é essa abordagem que podemos ver em sua obra sobre a história do latim, na qual ele afirma que “[...] a linguagem é, eminentemente, um fato social”. (ALKMIM, 2008, p. 24)

Em 1929, Mikhail Bakhtin, embora também fosse um estruturalista, divergiu claramente de Saussure, afirmando que era impossível ignorar a relação entre língua e sociedade nos estudos linguísticos, pois a substância da língua seria constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através das enunciações. A teoria da enunciação proposta por Bakhtin considerava que a língua estava relacionada diretamente às necessidades comunicativas e, por conseguinte, apresentava uma natureza basicamente dialógica.

Bakhtin, com sua crítica radical à postura saussureana, traz para o centro da cena dos estudos linguísticos a noção de comunicação social, segundo a qual “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, [...] mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações”. (ALKMIM, 2008, p. 24-25)

Em 1956, Marcel Cohen, mesmo sendo estruturalista e concordando com a separação saussuriana entre aspectos internos e aspectos externos à língua nos estudos linguísticos, defendeu que os fenômenos linguísticos se realizavam, de fato, no contexto

variável dos acontecimentos sociais. Cohen foi o primeiro estruturalista a propor que a os aspectos externos fossem estudados mais a fundo, sugerindo que os estudos linguísticos analisassem a relação existente entre as divisões sociais e as variações linguísticas, buscando diferenciar variedades rurais, urbanas e de classes sociais, além de diferenciar estilos formais e informais de uso da linguagem.

Cohen assume a questão das relações entre linguagem e sociedade a partir da consideração de fatores externos. Nesse sentido, o referido autor estabelece um repertório de tópicos de interesse para um estudo sociológico da linguagem, como, por exemplo, o estudo das relações das divisões sociais e as variedades de linguagem. (ALKMIM, 2008, p. 26)

Em 1960, Roman Jakobson, também estruturalista, divergiu de Saussure, ao defender que os estudos linguísticos deveriam considerar a evidente relação entre língua e sociedade, pois a língua seria, na verdade, um elemento do processo comunicativo realizado por meio da interação verbal. Jakobson entendia que, como os agentes da interação verbal participam de diferentes comunidades linguísticas, não haveria possibilidade de que a língua fosse homogênea, sendo o primeiro estruturalista a admitir que a língua é um sistema heterogêneo, pois cada falante faz uso da língua de acordo com a comunidade da qual faz parte, ou seja, de acordo com a realidade social em que está inserido.

Para Jakobson, o princípio da homogeneidade do código linguístico, postulado por Saussure e adotado pela Linguística, “não passa de uma ficção desconcertante”. [...] Para Jakobson, o ponto de partida é o processo comunicativo amplo, e isso o leva a ultrapassar a óptica estreita de uma análise do fenômeno linguístico ancorada apenas em características estruturais. (ALKMIM, 2008, p. 25)

Em 1963, Émile Benveniste, embora fosse um estruturalista com forte influência saussuriana, entendia que língua e sociedade constituíam elementos inseparáveis dos estudos linguísticos, pois a língua é o instrumento de análise da sociedade. Benveniste defendia que, como ferramenta de comunicação entre os indivíduos que compõem uma sociedade, a língua desempenha o papel de interpretar tal sociedade e de situar socialmente o indivíduo que faz uso dela, identificando sua classe social, seu grau de escolaridade, sua região de origem, etc.

Para Benveniste, “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”, dado que ambos só ganham existência pela língua. [...] Para Benveniste, a questão da relação entre língua e sociedade se resolve pela consideração da língua como instrumento de análise da sociedade. Ele afirma que a língua contém a sociedade e por isso é o interpretante da sociedade. (ALKMIM, 2008, p. 26-27)

Ainda em 1963, William Labov, considerado o pai da Sociolinguística, motivado pelas discussões dos estruturalistas a respeito do lugar que a relação entre língua e sociedade deveria ocupar nos estudos linguísticos, fez questionamentos importantes relacionados à ausência do componente social na análise linguística proposta pelo Estruturalismo, tomando como ponto de partida uma pesquisa sobre a fala dos moradores da ilha de Martha's Vineyard. Isso deu um grande impulso na discussão sobre a relação entre língua e sociedade nos estudos linguísticos e exerceu um papel decisivo para o surgimento da Sociolinguística.

Labov sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada. O autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico, fixando um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas. (ALKMIM, 2008, p. 29)

Em 1964, William Bright organizou um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, contando com participação de pesquisadores como William Labov, John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Roma, a fim de discutir acerca da proposta de análise linguística feita por Labov. É nesse congresso que a Sociolinguística surge oficialmente como área dos estudos linguísticos, apresentando como objeto de estudo a diversidade linguística que existe em uma determinada comunidade de fala, com a qual teriam relação fatores sociais como a identidade social do falante, a identidade social do ouvinte, o contexto social e o julgamento social. A partir do pressuposto básico de que língua e sociedade são inseparáveis e que ambas são heterogêneas, a Sociolinguística busca explicar os fenômenos linguísticos com base no caráter heterogêneo e variável da língua, o qual não a faz aleatória e desordenada, mas permite enxergá-la como um sistema estruturado, organizado e, por isso mesmo, com possibilidade de ser analisado.

Respostas plausíveis aos problemas da mudança linguística

Ao romper com a corrente estruturalista, que encarava as funções sociais da língua a partir de uma organização sistêmica unitária, homogênea e invariável, a Sociolinguística passou a conceber a língua como um sistema heterogêneo, variável e observável nos usos reais, envolvendo dimensões estruturais e históricas. Assim, variação e mudança foram integradas como objeto de análise da Sociolinguística, buscando estabelecer uma teoria da mudança linguística que fosse capaz de explicar se existe uma direção geral para a mudança, quais seriam seus condicionantes universais, quais as causas de ela ocorrer continuamente, quais os mecanismos pelos quais ela ocorre e se ela apresenta uma função adaptativa. Para preencher as lacunas deixadas pelo Estruturalismo na explicação da variação e da mudança linguística, a Sociolinguística foi em busca de respostas plausíveis para os cinco problemas da mudança linguística.

O primeiro é o *problema das restrições ou dos fatores condicionantes*, por meio do qual a teoria da mudança linguística deve ser capaz de determinar as mudanças possíveis, bem como as condições de mudança, ou seja, quais os fatores gerais efetivos, caso existam, que determinem os fatores possíveis e impossíveis de mudança, sempre de olho nos equívocos e desvios que podem surgir a partir de uma concepção de princípios gerais e universais da mudança linguística.

Sugerimos que um possível objetivo para uma teoria da mudança linguística é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança; na medida em que tal programa deriva de um estudo minucioso de mudanças em progresso, acreditamos que é possível avançar. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 121)

De acordo com a Sociolinguística, mesmo sendo necessário definir quais as condições que favorecem ou limitam as mudanças linguísticas, isso só seria possível a partir da solução do *problema do encaixamento*, uma vez que, para saber o que determina ou impede a concretização da mudança, é imprescindível uma análise da relação entre os

fatores linguísticos e sociais que a condicionam, motivo pelo qual se propõe a unificação desses dois problemas.

A busca por uma restrição estritamente “universal” é, então, uma busca por uma faculdade da linguagem isolada, que não está encaixada na matriz mais ampla de estrutura linguística e social. [...] Parece-me, portanto, que a formulação do problema das restrições em Weinreich, Labov e Herzog (1968) estava equivocada, e que o problema das restrições deveria ser fundido com o problema do encaixamento. (LABOV, 1982 apud LUCCHESI, 2004, p. 174)

O segundo é o *problema da transição*, por meio do qual a teoria da mudança linguística deve ser capaz de observar o percurso da mudança, através da identificação dos estágios pelos quais ela passa. De acordo com a Sociolinguística, a mudança linguística é um processo que não ocorre de maneira estanque, da noite para o dia, mas de forma contínua e gradual através da variação linguística. Se o Estruturalismo não conseguia acompanhar a mudança linguística enquanto ela ocorria justamente por não entendê-la como um processo contínuo e gradual, a Sociolinguística vem mostrar que isso é perfeitamente possível, bastando observar como a variação linguística se comporta em diferentes faixas etárias, para saber se há um processo de mudança em curso e qual das faixas etárias estaria liderando essa mudança.

Todas as mudanças submetidas ao exame empírico cuidadoso até agora têm mostrado distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população. Entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 122)

O terceiro é o *problema do encaixamento*, por meio do qual a teoria da mudança linguística deve ser capaz de observar como a mudança pode ser encaixada na estrutura linguística e na estrutura social, a fim de saber o que determinaria ou impediria a concretização da mudança. De acordo com a Sociolinguística, o problema do encaixamento está diretamente relacionado ao problema das restrições ou dos fatores condicionantes, uma vez que só se pode saber o que determinaria ou impediria a concretização da mudança através de uma análise da relação existente entre os fatores linguísticos e os fatores sociais que condicionariam aquela mudança. Assim, a ideia é tratar o primeiro e o terceiro problema como um único problema, analisando o *encaixamento linguístico*, através dos fatores linguísticos que condicionam a mudança, e o *encaixamento social*, através dos fatores extralinguísticos que condicionam a mudança.

O problema do encaixamento é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo. O principal caminho para a solução está na descoberta das correlações entre os elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não-linguístico de comportamento social. (LABOV, 2008 [1972], p. 193)

O quarto é o *problema da avaliação*, por meio do qual a teoria da mudança linguística deve ser capaz de identificar como os membros de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança e, principalmente, quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si, uma vez que a avaliação dos falantes de uma língua pode contribuir para a aceleração, para o retardamento ou até para o impedimento da mudança naquela língua. De acordo com a Sociolinguística, o falante vê

o processo de variação, avalia as possibilidades de uso da língua e determina qual é mais adequada, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, que considerava o falante como um ser passivo diante do processo de estruturação da língua. Essa avaliação que o falante faz é uma avaliação social e costuma estigmatizar as pessoas que não fazem uso da língua de acordo com o padrão normativo. Quando isso acontece, os falantes tendem a evitar o uso da forma da língua que foi estigmatizada, principalmente em situações em que são monitorados, dificultando, assim, a mudança linguística.

A teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124)

O quinto é o *problema da implementação*, por meio do qual a teoria da mudança linguística deve ser capaz de investigar os motivos pelos quais uma mudança se instaura em um determinado momento e em um determinado lugar. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, que compreendia a implementação da mudança como algo instantâneo, há três estágios de implementação da mudança linguística: a origem, a propagação e o término.

Sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. [...] Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradativamente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. [...] Por fim, a completção da mudança e a passagem da variável para o status de uma constante se fazem acompanhar da perda de qualquer significação social que o traço possuía. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 121)

A origem da mudança ocorre quando uma forma alternativa é aprendida por um pequeno grupo de pessoas numa determinada comunidade de fala. Já a propagação da mudança ocorre quando há um contraste entre a forma antiga e a forma inovadora na interação social da comunidade de fala. Por fim, o término da mudança ocorre quando uma das formas em variação é suplantada pela outra dentro da comunidade de fala.

Definindo os princípios gerais da mudança linguística

Depois de solucionados os problemas da mudança linguística, a Sociolinguística, com o objetivo de sanar a oposição paradoxal entre estrutura e mudança que o Estruturalismo não dava conta de resolver, procurou estabelecer os princípios gerais para o estudo da mudança linguística, comprovando que a língua funciona perfeitamente mesmo estando em permanente processo de mudança. Assim, para a corrente sociolinguística, a mudança linguística obedece a sete princípios gerais, como se vê a seguir.

O primeiro princípio geral da mudança linguística refere-se ao início da mudança. Nessa perspectiva, a mudança linguística se inicia quando a generalização de uma dada variação num certo subgrupo da comunidade de fala assume o caráter de diferenciação ordenada e não de deriva aleatória. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que

defendia o Estruturalismo, é possível perceber o momento em que a mudança linguística se inicia, definindo que esse início precisa alcançar, de forma sistêmica, um subgrupo da comunidade de fala, de modo a transcender variações utilizadas de maneira mais restrita, como, por exemplo, nos grupos familiares.

A mudança linguística não deve ser identificada com a deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125)

O segundo princípio geral da mudança linguística refere-se ao caráter heterogêneo e variável da língua. Nessa perspectiva, a mudança linguística ocorre em virtude de a língua ser um sistema heterogêneo e variável, constituído por uma diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos que governam determinada comunidade de fala. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, a ideia de que a língua é homogênea e invariável não passa de uma ilusão que não se sustenta quando comparada aos dados empíricos.

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125)

O terceiro princípio geral da mudança linguística refere-se à relação entre variação e mudança. Nessa perspectiva, a mudança linguística ocorre em virtude da variação existente na língua, podendo-se afirmar que toda mudança implica necessariamente variação, mas nem toda variação gera mudança, havendo alguns processos de variação no uso da língua que não conduzam obrigatoriamente a uma mudança linguística, uma vez que, como atestam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, a mudança linguística está diretamente relacionada à variação linguística, sendo que toda mudança deriva de um processo de variação, embora seja possível ocorrer também um processo de variação estável, sem que uma forma suplante a outra para que ocorra a mudança linguística efetivamente.

O quarto princípio geral da mudança linguística refere-se à difusão da mudança. Nessa perspectiva, a mudança linguística ocorre de forma contínua e gradual, passando por três estágios: origem, propagação e término. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, a mudança linguística não é uniforme nem instantânea, correlaciona-se a outras mudanças ocorridas ao longo do tempo e difunde-se de maneira diferente nas diversas áreas do espaço geográfico.

A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126)

O quinto princípio geral da mudança linguística refere-se ao caráter social da mudança. Nessa perspectiva, a mudança linguística ocorre dentro de uma comunidade de

fala, pois as estruturas variáveis que a língua contém são determinadas por funções sociais. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, a mudança linguística não ocorre na gramática individual do falante (idioleto), mas na gramática da comunidade de fala (dialeto), visto que os idioletos não são capazes de gerar gramáticas autônomas ou internamente consistentes.

As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126)

O sexto princípio geral da mudança linguística refere-se à relação entre a mudança linguística e a comunidade de fala. Nessa perspectiva, a mudança linguística só se consolida de fato quando atinge a comunidade de fala como um todo, não se restringindo a etapas discretas dentro de pequenos grupos de indivíduos. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, os processos de variação que se limitam a um pequeno grupo de pessoas dentro da comunidade de fala, como, por exemplo, uma família, não ocasionam mudança linguística, pois só se pode afirmar que a língua está mudando quando a comunidade de fala como um todo está processando a mudança.

A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126)

O sétimo princípio geral da mudança linguística refere-se ao condicionamento da mudança. Nessa perspectiva, a mudança linguística é condicionada por fatores relacionados à estrutura interna da língua e por fatores relacionados à estrutura social, política e ideológica da comunidade de fala. De acordo com a Sociolinguística, ao contrário do que defendia o Estruturalismo, a mudança linguística não é determinada exclusivamente por fatores linguísticos, mas também por fatores sociais, não sendo possível realizar estudos empíricos do comportamento linguístico a partir de explicações reducionistas que considerem apenas fatores linguísticos ou apenas fatores sociais.

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126)

Uma teoria da mudança linguística coerente precisa levar em conta a aplicação desses princípios gerais, os quais são resultado de pesquisas empíricas e auxiliam, conforme atesta Souza (2017, p. 120), na compreensão de que “o desenvolvimento histórico de uma língua se dá a partir do processo contínuo de variação e mudança que ocorre no interior de um sistema linguístico heterogêneo inserido no contexto social, histórico e cultural da comunidade de fala”.

Conclusão

Como a Linguística Moderna, desde o seu estabelecimento no início do século XX, não incluiu nos estudos linguísticos fenômenos de natureza social, histórica e cultural, Ferdinand Saussure, em 1916, figurou como o precursor do Estruturalismo, uma abordagem imanentemente estrutural da língua, abstraída das diversas possibilidades de variação presentes na fala, a qual foi tratada apenas como materialização da língua no contexto variável dos acontecimentos sociais. Em contrapartida, embora ainda filiados à corrente estruturalista, linguistas como Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Roman Jakobson, Marcel Cohen e Émile Benveniste iniciaram suas considerações sobre fatores externos ao lidarem com os estudos relacionados à língua. Desse modo, os pesquisadores articulavam a compreensão da linguagem a partir de um viés linguístico e ligado à estrutura social, tratando a enunciação como realidade concreta da linguagem, uma vez que a mudança linguística se atrela à mudança social.

A partir dessa ótica que passou a tratar da enunciação como lugar concreto de manifestação ideológica, constituindo-se de significado justamente na interação com o outro, a Sociolinguística, impulsionada pelas ideias de William Labov, ganha força, a partir de 1963, ao reiterar o fato de haver mais de uma forma linguística para expressar o mesmo significado, ao considerar o estudo sistemático e concomitante das mudanças linguísticas do passado e presente, ao questionar quais valores sociais são a elas atribuídos e ao buscar respostas empíricas às mudanças na língua a partir das variabilidades existentes. Assim, propondo-se a preencher as lacunas deixadas pelo Estruturalismo no que tange à explicação da variação e da mudança linguística, a Sociolinguística traz à luz respostas mais plausíveis para as cinco questões centrais que envolvem a ocorrência contínua da mudança linguística, reconhecendo, para tanto, a língua como uma realidade heterogênea, variável, mutante, relacionada com a dinâmica social e com os usos que dela fazem o falante, e a heterogeneidade da qual é constituída como ordenada, logo, passível de sistematização.

Diante disso, no que se refere aos cinco problemas da mudança linguística, a corrente sociolinguística postula a necessidade de tratar as restrições ou fatores condicionantes e o encaixamento como um único problema, cuja solução seria a definição de quais as condições que favorecem ou restringem as mudanças linguísticas para estabelecer as tendências gerais observadas nos processos de mudança a partir da análise da relação existente entre os fatores linguísticos e sociais. Já quanto à transição, ao entender o processo de mudança linguística como contínuo e gradual, a corrente sociolinguística propõe a observação do comportamento da variação linguística conforme diferentes faixas etárias na comunidade de fala para verificar se há um processo de mudança em curso, bem como qual das faixas etárias é responsável por liderar essa mudança. Em relação à avaliação da mudança pelos membros que compõem a comunidade linguística, é evidenciada a função do falante como atuante no processo de mudança, visto que sua percepção sobre a variação é responsável por avaliar socialmente os usos da fala mais adequados aos diversos contextos de comunicação, refletindo, portanto, na aceleração ou no retardamento do processo de mudança na língua. No que diz respeito à implementação, propõe-se que a mudança se dá a partir de três estágios: *origem*, em que a forma alternativa é aprendida e empregada por um pequeno grupo de pessoas na comunidade de fala; *propagação*, em que a forma antiga e a forma inovadora passam a contrastar na interação social; e *término*, em que uma das formas é suplantada pela outra, completando, enfim, o processo de mudança linguística, a partir do qual a forma inovadora costuma prevalecer.

Isto posto, após a busca por explicações mais contundentes sobre o porquê de as línguas variarem e mudarem, a corrente sociolinguística propõe sete princípios gerais para o estudo da mudança linguística, por meio dos quais o início da mudança linguística

se daria a partir da generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala, a qual se difunde pela comunidade de fala como um todo através de uma diferenciação ordenada, partindo do princípio de que a estrutura linguística é heterogênea e se contrapõe diretamente à homogeneidade ilusória defendida pela corrente estruturalista. Essa ideia é sustentada pelo pressuposto de que a mudança linguística ocorre na gramática da comunidade de fala, mais consistente internamente, e não na gramática individual do falante, ressaltando que toda mudança linguística é fruto da variabilidade e da heterogeneidade e que as discontinuidades encontradas na mudança linguística são reflexos das disparidades específicas de uma comunidade de fala, uma vez que estas, ao longo do tempo, têm seus reflexos difundidos em diferentes áreas do espaço geográfico.

Com a comprovação empírica de que fatores linguísticos e sociais estão diretamente relacionados à mudança linguística e à descrição das regularidades observadas nos estudos do comportamento linguístico, evidenciou-se que o desenvolvimento histórico de uma língua deve ser compreendido como decorrente de um processo contínuo de variação e mudança que ocorre dentro de uma comunidade de fala, de maneira gradual e diversificada, em um contexto social, histórico e cultural, o que se contrapõe ao modo reducionista como a corrente estruturalista estudava os fenômenos linguísticos, determinados exclusivamente por fatores linguísticos, sem levar em conta os fatores sociais. Pode-se afirmar, portanto, que a Sociolinguística superou o Estruturalismo, ao equacionar os cinco problemas da mudança linguística a partir da concepção de que a língua funciona perfeitamente, apesar de todos os aspectos heterogêneos que a compõem.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – Parte I. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 21-47.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

SOUZA, Jurgen Alves de. Sociolinguística Variacionista. *In*: SOUZA, Jurgen Alves de. **As estruturas reflexivas no português popular do interior do Estado da Bahia**. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017, p. 109-120.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Submetido em 27 de abril de 2021.

Aceito em 17 de junho de 2021.